



**modos de
acessar**

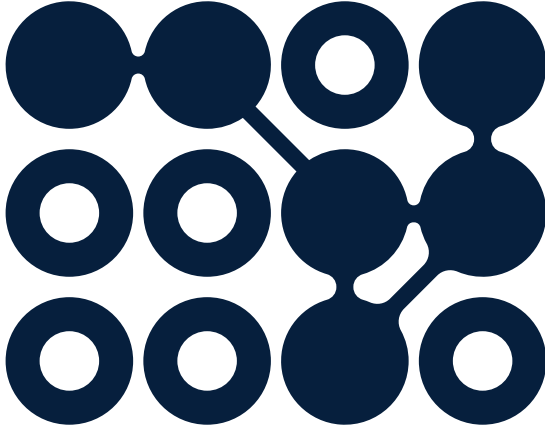




modos de acessar

Construindo acessibilidade em territórios diversos

Este material foi desenvolvido com base em práticas de acessibilidade, para proporcionar uma leitura mais confortável para diversos públicos. Foi utilizada a tipografia Verdana, corpo 18, com espaçamentos maiores entre as linhas. Também foi elaborado com cores contrastantes, adequadas para pessoas com daltonismo e/ou com baixa visão, proporcionando uma melhor legibilidade.





Corpo-território: das possibilidades de se ser em fluxo

Imerso em complexidades, o que se convencionou a nomear como “corpo” nas sociedades ocidentais também é fruto de uma construção social. Composto de carne, e também associações, símbolos e compreensões em disputa, o corpo, ou os corpos – para respeitar sua pluralidade – existem de modo encruzilhado, diverso e multifacetado, negociando interpretações e sentidos com os contextos históricos e socioculturais a que estão submetidos.

Nesse sentido, parâmetros de “normalidade” e “anormalidade” são atribuídos às corporalidades, revelando quem se encaixa ou desvia das normas sociais estabelecidas, e, portanto, quem goza graus de privilégios ou exclusões. Talvez

a noção de deficiência possa dialogar com esse panorama: se os corpos não fossem implicados a cumprir expectativas hegemônicas, se não fossem previamente patologizados ou estigmatizados, como seria ter deficiência física, intelectual e/ou sensorial em nossa sociedade?

Este exercício de imaginação interessa ao Sesc como uma espécie de horizonte, recurso inspirador para pensar possibilidades abrangentes e produtoras de dignidade para as variadas experiências corporais que atravessam uma pessoa. Modos de Acessar é um projeto que propõe ampliar as perspectivas sobre pessoas com deficiência, neurodivergentes e com mobilidade reduzida, fortalecendo seus protagonismos e a criação de políticas, ambientes e experiências acessíveis.

Neste caso, acessibilidade se conecta a perspectivas anticapacitistas, ou seja, práticas contrárias à homogeneização e

discriminação de pessoas com deficiência, e à crença de que estas são inferiores ou incapazes; assim, as deficiências seguem contextualizadas, podendo ser manifestadas desde o nascimento ou adquiridas de muitas maneiras ao longo da vida, não como um defeito a ser corrigido, mas requerendo, sobretudo, um esforço coletivo de inclusão.

Desse modo, o Sesc acredita em abordagens interseccionais para pensar as diversidades, apostando na diferença como lugar a ser respeitado, e nesta edição Modos de acessar: construindo acessibilidade em territórios diversos destaca a acessibilidade como processo contínuo de adaptação e aprendizado nos seus locais de atuação, exigindo atenção e disposição para questionar e transformar normas estabelecidas em direção a sociedades férteis em dignidade, bem-estar e acolhimento.

Luiz Deoclecio Massaro Galina
Diretor do Sesc São Paulo



Fundamentos da Acessibilidade no Cotidiano

Texto de
Marco Antônio Gavério



Quando falamos sobre acessibilidade, quase imediatamente associamos o termo à inclusão e aos direitos das pessoas com deficiência. Geralmente, isso é entendido como algo restrito à criação de recursos e normas técnicas, padronizados e legalmente exigidos, voltados para a adaptação, modificação e modelagem de ambientes, com o objetivo de atender pessoas com deficiência, mobilidade reduzida ou problemas de locomoção.

Entretanto, a acessibilidade, mesmo com esse histórico fortemente ligado às pessoas com deficiência e à inclusão como um direito específico, pode ser compreendida de forma mais ampla, sem perder de vista sua dimensão política. Ela também abrange uma estrutura que molda nossas formas de nos relacionar com o ambiente, o espaço e as interações que construímos cotidianamente.

No dia a dia, a acessibilidade está presente em várias dimensões da nossa vida: na arquitetura das cidades, nas tecnologias

que usamos, na forma como organizamos nossas atividades e nas relações que estabelecemos. Quando falamos de acessibilidade, não nos referimos apenas a rampas, elevadores ou sinalizações; estamos falando de interações, relações e de como podemos contribuir para que todas as pessoas, com e sem deficiência, possam exercer seus direitos e participar ativamente da sociedade.

A partir de uma série de práticas e saberes, a acessibilidade tem sido vista como uma maneira de organizar e promover a participação em diversas dinâmicas da vida social. Quando reduzida a normas técnicas e associada unicamente à representação social e cultural da pessoa com deficiência, a acessibilidade corre o risco de perder sua capacidade crítica, transformadora e emancipatória.

A acessibilidade é mais do que uma exigência técnica, uma obrigação jurídica ou um direito garantido a determinadas pessoas. Acessibilidade é uma prática

cultural. Ela exige que repensemos as relações de poder que se manifestam na organização dos espaços e na forma como a sociedade é estruturada nas interações complexas, mas cotidianas, entre corpo, ambiente, indivíduo e sociedade. 🕶️



Marco Antônio Gavério é Doutor pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A partir de perspectivas sociológicas e antropológicas investiga saberes e práticas em torno da deficiência como uma categoria sociocultural e histórica. Nesse sentido, busca compreender como essa categoria emerge em correlação às teorizações e práticas sobre o Corpo, a Sexualidade e, mais atualmente, a Saúde e a Acessibilidade.



Espaços de educação não-formal na perspectiva anticapacitista

Texto de **Karen Montija**



Mediar o conteúdo de artes visuais para os mais diversos perfis de indivíduos é inquietante e desafiador. Cada espectador de uma obra artística carrega seu repertório, seus interesses, suas referências e sua forma de experimentar/interagir com o mundo.

A necessidade do toque para crianças abaixo dos cinco anos de idade, a dificuldade no contato visual com um grupo de adolescentes em conflito com a lei, o atendimento às pessoas com deficiência intelectual, são exemplos de situações que exigem mais atenção e o educativo é espaço fértil para esse debate.

No que diz respeito às pessoas com deficiência, o acesso à cultura se apresenta de forma desigual. Mais que educadores dispostos para os receber, os espaços culturais necessitam oferecer uma estrutura de acolhimento que perpasse a arquitetura, a comunicação e a experiência estética de

seus visitantes. Considerar apenas um desses pontos é tratar o assunto de maneira parcial, ignorando as desigualdades sociais, os diversos códigos culturais e históricos e a própria fruição com a arte.

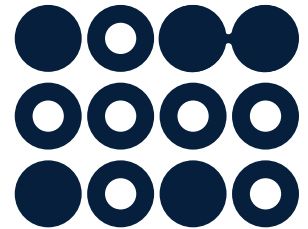
Alguns espaços apresentam a mediação voltada à acessibilidade de uma forma predominantemente assistencialista, em que a deficiência do visitante é vista como “falta” a ser suprida. A significação e sentir muitas vezes são deixados de lado para que se faça o reconhecimento/descrição da obra e do espaço, até mesmo por pré-julgamentos de que o visitante não terá “capacidade” ou condições cognitivas para “compreender” a exposição.

Em meio a este cenário, escutar as próprias pessoas com deficiência, entendendo que todo sujeito/corpo tem seu potencial e sua voz, é fundamental para conscientização e diretriz de um trabalho acessível. Por isso, pergunto: existem pessoas com deficiência em seu espaço de trabalho?

Mais que o aprimoramento de uma mediação, trabalhar com acessibilidade é também engajamento político que assegura o direito a cultura de todo e qualquer cidadão. 🧠



Karen Montija é Mestre na Escola de Comunicação e Arte (ECA) da USP, cuja pesquisa é em Acessibilidade para pessoas cegas em espaços culturais. Formada em Artes Visuais (Bacharelado/Licenciatura) pelo Instituto de Artes da UNESP e Técnica Fotográfica pelo SENAC. É fundadora e diretora da empresa “AKA Projetos Culturais” em que presta serviços de arte, educação e acessibilidade, atendendo instituições




como o Sesc São Paulo e o CCBB São Paulo. É mediadora cultural há 17 anos e desde 2012, pesquisa e cria objetos mediadores, ambientes interativos e ações educativas interdisciplinares que medeiam Artes Visuais e Patrimônio Cultural com Acessibilidade Estética, para os mais diversos perfis de público - incluindo espaços sensoriais que atendem cegos e autistas, teatro e música para surdos e programa para pessoas em situação de vulnerabilidade social.



Partilhas metodológicas em acessibilidade para a vida cidadã

Texto de **Eduardo Cardoso**



Primeiramente, quando falamos de acessibilidade, nos referimos à efetiva inclusão de pessoas com deficiência no convívio social. Isso significa mais do que propiciar estruturas mínimas por meio de adaptações físicas para permitir a mobilidade ou o acesso, visto que a inclusão plena de pessoas com deficiência representa a adoção de um conjunto de ações capazes de permitir e promover o verdadeiro exercício da cidadania, garantindo experiências seguras, atrativas e significativas para todos e todas em diferentes campos e esferas da sociedade.

Logo, pressupõe a equidade entre pessoas com e sem deficiência. Nesse sentido, um exercício de cidadania é compreender a riqueza que há nas diferenças e, nelas, identificar oportunidades.

Assim, é fundamental estar aberto a possibilidades de novas vivências a partir do outro e da relação com diversas formas de perceber, comunicar, fruir e aprender perante diferentes estímulos, meios e modos de interação social.

Diante disso, temos foco na concepção de espaços, produtos, serviços e meios de comunicar pautados no Desenho Universal como abordagem metodológica que venha a garantir a qualidade de uso de forma autônoma, segura, estética e confortável para a maior extensão possível de pessoas, contribuindo para o desenvolvimento e bem-estar individual e coletivo (Ronald Mace, 1998 - Center for Universal Design – EUA).

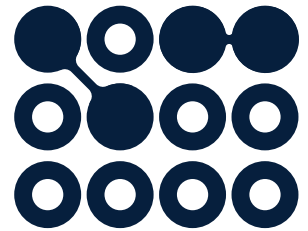
Um projeto orientado pelo Desenho Universal considera a diversidade humana e busca garantir a acessibilidade para todos, mas sem desconsiderar as diferenças de cada indivíduo. Importante considerar também que muitos recursos e estratégias destinados a reduzir ou eliminar diferentes barreiras não beneficiam somente às pessoas com deficiência, mas a todos em suas interações diárias.

Mais do que uma norma presente na legislação brasileira, o Desenho Universal visa o desenvolvimento de soluções que ampliem à população as oportunidades de interação, participação e acesso à vida pública por pessoas com características físicas, intelectuais e linguísticas diferentes.

Assim, os seus princípios (equiparável, flexível, simples, fácil de perceber, seguro, fácil de usar e abrangente) se constituem não apenas em parâmetros técnicos, mas também em marco conceitual que pode ser tomado como um princípio democrático, dado que seu fundamento parte da igualdade de oportunidades, da liberdade de ir e vir e do disfrute pleno da cidadania (Silva, 2021).

Portanto, a cidadania deve ser entendida como um processo contínuo, uma construção coletiva que visa a realização gradativa dos Direitos Humanos e de uma sociedade mais equitativa e solidária. 🧐

SILVA, Jackeline Susann Souza.
O Desenho Universal como alternativa para o direito à cidade. In: Confluenze – Rivista di studi Iberoamericani, 2021.




Eduardo Cardoso é Doutor e mestre em Design (UFRGS); Especialista em Audiodescrição (UECE); Especialista em Tecnologia Computacional Aplicada ao Projeto (UFRGS); Arquiteto e Urbanista (UNISINOS). Professor da graduação e pós-graduação em design na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordena o grupo COM Acesso – Comunicação Acessível UFRGS.



Eu, mãe atípica

Texto de **Dulci Lima**

 **H**á um ditado que diz: “quando nasce um(a) filho(a), nasce uma mãe” e quando chega o diagnóstico a mãe renasce como uma mãe atípica. Sou renascida como mãe atípica de uma garotinha.

Antes da chegada do diagnóstico enquanto acompanhamos e celebramos os primeiros passos, as primeiras palavras, o primeiro dia na escolinha, nos preocupamos com a febre, com a dor de ouvido e encaramos o desafio do desfralde, nós mães de crianças atípicas, notamos também os comportamentos incomuns, o sofrimento com os sons, com as texturas, com os alimentos, o desinteresse ou dificuldade em interagir com outras crianças, os interesses muito específicos, por vezes a ausência da fala, do olhar e do abraço, muita facilidade em aprender coisas complexas ou muita dificuldade em aprender coisas simples.

Peregrinamos de médico em médico relatando sintomas físicos, emocionais e comportamentais que não entendemos

bem, mas que sabemos que estão ali. Por vezes enfrentamos a descrença de médicos, família, amigos, professores, tateamos lá e cá até finalmente descobrir qual o profissional certo que devemos buscar para obter uma resposta. E quando o diagnóstico finalmente chega é um misto de alívio e angústia.


E vem o luto. Todo(a) filho(a) é imaginado(a) por suas mães e pais desde a gestação. Ao recebermos o diagnóstico precisamos nos desfazer de tudo o que foi imaginado e dar espaço para a incerteza. E é nesse momento que surge o luto. E cada família vai processá-lo de uma forma. Há famílias que se fortalecem no compromisso mútuo de cuidar da criança e ajudá-la a enfrentar os obstáculos, e há famílias que se desfazem. Há amigos que se afastam e há novos que chegam com filhos e experiências similares e com os quais podemos trocar informações, dicas, desabafos e comemorar as conquistas dos nossos pequenos. Com alguma frequência vemos mães que não tem apoio algum e lutam sozinhas para garantir qualidade

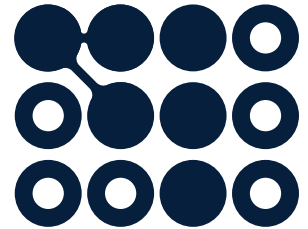
de vida aos filhos e filhas, sem tempo ou espaço na vida para cuidar de si mesmas.

Uma nova rotina se instala e a vida das famílias atípicas se transforma num ir e vir de clínicas, médicos, reuniões e negociações com escola, terapeutas, planos de saúde, às vezes é necessário recorrer à justiça para garantir atendimento adequado, medicamentos e outros direitos que embora garantidos em lei, nem sempre são facilmente acessados. Os custos se elevam e por vezes a renda cai quando há necessidade de que um dos genitores deixe seu emprego para se dedicar integralmente aos cuidados com o(a) filho(a).

E quem cuida de quem cuida? É a pergunta que motiva várias iniciativas, quase sempre promovidas pelas próprias mães atípicas. Tais iniciativas estão se multiplicando na busca de oferecer suporte emocional aos familiares frente à exaustiva rotina nos cuidados com pessoas com necessidades especiais. Embora ainda pouco se fale sobre esse tipo de sobrecarga, ações de conscientização vêm ampliando a visibilidade

para o tema e atraindo a atenção da sociedade e do poder público, onde já se discute projeto de lei que visa garantir cuidados psicossociais, materiais e culturais fundamentais para a manutenção da saúde integral de mães atípicas (conforme pesquisa Cuidando de quem cuida: um panorama sobre as famílias e o autismo no Brasil em 2020 da Genial Care, 86% dos cuidadores de crianças autistas são as próprias mães).

Cada pessoa atípica é única, cada família atípica é um universo e as histórias e experiências são muito diversas. Falo a partir da minha própria, sobre aspectos que me marcaram, mas também trouxe um pouco das vivências de algumas mães atípicas com as quais convivo. Apesar da escolha em relatar os desafios, sempre é bom lembrar que nossas crianças atípicas não se restringem aos seus diagnósticos, antes de tudo são pessoas e merecem viver e amar como outras quaisquer do planeta. 



Dulci Lima é Doutora em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. Mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2011). Bacharel em História - FFLCH- USP (2003). Foi docente no Programa de Formação de Professores - Licenciatura em História na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Atuou como Auxiliar de Coordenação do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil e atualmente é Pesquisadora em Ciências Sociais e Humanas no Centro de Pesquisa e Formação - Sesc São Paulo. Integra o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFABC (NEAB-UFABC). Pesquisa feminismo negro, relações raciais e de gênero.



Conheça os projetos de acessibilidade do Sesc São Paulo



Descobrimos a Língua de Sinais
Curso EAD de Libras, gratuito e acessível na plataforma Sesc Digital.



Bibliotecas e Espaços de Leitura
Diversas unidades na capital, interior e litoral possuem bibliotecas e espaços de leitura com recursos de acessibilidade como a lupa eletrônica e o scanner que lê textos, convertendo em áudio e em braile.



Revista Em Cartaz
Edições mensais dos guias de programação, acessíveis em PDF.



Projeto Modos de Acessar
Confira programações e conteúdos do projeto.



faça sua
credencial
sesc



sescsp.org.br

set - dez | 2024

Audiodescrição das Imagens

Nestas páginas finais do livreto do projeto Modos de Acessar, você encontra a seguir e abaixo a descrição das imagens do material.

São quatro fotos dos palestrantes e quatro QR codes de serviços, conteúdos em acessibilidade e mais um QR code no verso do livreto sobre a credencial Sesc.

Em todas as páginas há de forma alternada, a presença na parte superior, ora na esquerda, ora na direita, a imagem da capa marcando a identidade do projeto.

Descrição das imagens

Capa: Sobre fundo retangular amarelo, texto em cor azul marinho. Abaixo, com o título 'modos de acessar', a esquerda em letras azul marinho minúsculas. Acima do título há uma imagem estilizada com pontos redondos, semelhante às celas de escrita braile. Na primeira cela à esquerda, três pontos preenchidos em azul marinho se referindo à letra M e ao lado direito, um ponto preenchido, representando a letra A, na escrita braile.

Página 11: Foto de Marco Gavério. Foto colorida na vertical à esquerda, ao meio da margem. Marco é homem branco de rosto e pescoço, rosto oval, cabelos bem curtos castanhos, sobrancelhas médias, olha para frente, usa óculos de armação preta, nariz reto, barba cerrada, está sério, aparece leve detalhe de tatuagem no pescoço no lado esquerdo. Ao fundo, sala de paredes brancas, vitrô à esquerda, piso marrom.

Página 16: Foto de Karen Montija. Foto colorida no canto superior esquerdo. Karen é mulher branca de rosto redondo, cabelos lisos e curtos castanhos escuros na altura do ombro, sobrancelhas grossas, nariz fino, olha para frente e sorri, usa blusa preta com decote em V. Ao fundo, parede de tijolos e folhas verdes pendentes.

Página 23: Foto de Eduardo Cardoso. Foto colorida vertical no canto superior esquerdo. Eduardo é homem branco, de rosto e dorso, rosto oval, cabelo bem curto preto, sobrancelhas grossas, barba cerrada, queixo largo, sorri e usa óculos de armação preta retangular. Usa camisa azul marinho de gola, com pequenos traços brancos salpicados estampados. Ao fundo, armário de madeira clara e prateleira com um quadro.

Página 29: Foto de Dulci Lima. Foto colorida na vertical, no canto superior esquerdo. Dulci, é mulher negra, tem cabelos crespos cacheados castanhos escuros, rosto oval,

sobrancelhas finas, nariz pequeno, sorri levemente e olha para frente, de batom rosa claro, usa blusa preta e brincos longos prateados. Ao fundo, ambiente escuro com quadros na parede.

Página 30: No canto superior esquerdo, há uma pequena fração da imagem da identidade do projeto na capa, com duas células conectadas apenas desta arte em retângulo de fundo amarelo. Ao lado, à direita, o título em letras pretas maiúsculas e minúsculas: Conheça os projetos de acessibilidade do Sesc São Paulo. Abaixo, há quatro QR codes para acesso a conteúdos, um abaixo do outro, na margem esquerda da página, na seguinte ordem: 1 Descobrimo a língua de sinais. Acesso ao

Curso EAD de Libras, gratuito e acessível na plataforma Sesc Digital por inscrição. 2 Logo abaixo, acesso às Bibliotecas e espaços de leitura e recursos de acessibilidade. 3 Logo abaixo, acesso às edições digitais mensais em PDF e acessíveis da Revista Em Cartaz. 4 Ao final e abaixo, acesso à URL do Projeto Modos de Acessar, confira programações e conteúdo do projeto.

Verso: No verso do livreto, todo em fundo amarelo, há no canto superior esquerdo, na quina deste espaço, o QR Code – faça sua credencial Sesc. Abaixo, dentro de uma faixa branca, o link: sescsp.org.br

Material produzido pelas áreas de artes gráficas e de acessibilidade do Sesc São Paulo.

Setembro a dezembro de 2024.